

**O PENSAMENTO LINGÜÍSTICO DE ERNESTO FARIA, À LUZ
DA HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA (HL)**

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

A partir da obra *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958), analisamos o pensamento linguístico de Ernesto Faria (1906–1962), que foi catedrático de Língua Latina da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nossa análise será pautada pela fundamentação teórico-metodológica da disciplina de *Historiografia da Linguística* (BATISTA, 2019; SWIGGERS, 2013), analisando as continuidades e discontinuidades do ensino de latim no Brasil. Contextualizamos a obra de Faria no período científico da história do pensamento linguístico no Brasil (KALTNER, 2022; CAVALIERE, 2012), e em nossa análise encetaremos um debate sobre os rumos acadêmicos do ensino de Língua Latina no contexto em questão, e como as teorias linguísticas, então vigentes, influíram na obra do filólogo e linguista, nesse período institucional científico.

Palavras-chave:

Gramaticografia. Historiografia Linguística. Língua Latina.

ABSTRACT

Based on the work *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958), I analyze the linguistic thought of Ernesto Faria (1906–1962), who was professor of Latin Language at the former University of Brazil, currently the Federal University of Rio de Janeiro. My analysis is guided by the theoretical-methodological model of the *Historiography of Linguistics* discipline (BATISTA, 2019; SWIGGERS, 2013), analyzing the continuities and discontinuities of Latin teaching in Brazil. I contextualize Faria's work in the scientific period of the history of linguistic thought in Brazil (KALTNER, 2022; CAVALIERE, 2012), and in my analysis I will start a debate about the academic directions of Latin Language teaching in the context in question, and how theories linguistics, then in use, influenced the work of the philologist and linguist, in this scientific institutional period.

Keywords:

Grammaticography. Latin Language. Linguistics Historiography.

1. Introdução: *Historiografia da Linguística e Linguística Latina no Brasil*

O presente artigo deriva de reflexões iniciadas no âmbito do projeto de pesquisa *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística*, desenvolvido sob a égide do Programa de Pós-

graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, e vinculado ao grupo de pesquisas: “Filologia, línguas clássicas e línguas da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF) (KALTNER, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d, 2020f; KALTNER; SANTOS, 2020e). O tema geral de pesquisa abordado nesse contexto refere-se à história do pensamento linguístico no Brasil (Cf. KALTNER, 2016; 2022; KALTNER, 2019a; KALTNER *et al.* 2019b; KALTNER; SILVA, 2019c; KALTNER, 2019d).

Um debate historiográfico específico que se faz necessário, a partir da Historiografia Linguística no Brasil (HL), é sobre a chamada Linguística Latina, isto é, o pensamento linguístico relacionado à descrição e à história do Latim no contexto acadêmico e intelectual brasileiro. A rotulagem de Linguística Latina é recente e pouco usual ainda, mas abarca o fenômeno de descrição da língua latina no contexto atual de desenvolvimento dos Estudos de Linguagem. É um termo apropriado para estabelecer a relação entre a Linguística moderna e a língua latina como objeto de estudos.

No cenário do Brasil, o catedrático Ernesto Faria (1906–1962), linguista e filólogo, despontou como um acadêmico que propôs o campo da “Filologia Clássica” (FARIA, 1958) no desenvolvimento do pensamento linguístico moderno para a descrição da língua latina. Sua obra, portanto, pertence ao grupo de textos que se propõe a utilizar uma teoria linguística para descrever a língua latina, logo é um texto de Linguística Latina. Sua principal publicação nesse sentido foi a *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958), um texto que apresenta a abordagem descritiva (sincrônica) e histórica (diacrônica) da língua latina, nos três níveis de descrição estruturalista: fonética, morfologia e sintaxe.

A gramática de Faria diferencia-se de alguns autores anteriores pelo fato de incorporar o modelo teórico do estruturalismo como fonte, tendo tido nítida influência de correntes do estruturalismo europeu, na descrição da língua latina. Sua obra se insere, portanto, no desenvolvimento de uma Linguística Latina, ainda que o termo não tenha sido adotado por seu autor na gramática. Diferencia-se a “gramática superior” dos métodos escolares de latim por ter um modelo teórico e apresentar a fundamentação metodológica na descrição e na história da língua. É um texto do período científico da história do pensamento linguístico no Brasil, após a sistematização da linguística enquanto disciplina acadêmica (Cf. KALTNER, 2022).

2. O pensamento linguístico no Brasil e a Linguística Latina

Podemos adotar o modelo teórico de descrição do pensamento linguístico no Brasil a partir da periodização pelas revoluções institucionais, que marcaram a recepção do pensamento linguístico do mundo ocidental nas instituições históricas deste contexto específico. Esse modelo, debatido em estudos anteriores, apresenta a história do pensamento linguístico no Brasil em três etapas de revoluções institucionais, a saber: o período missionário (séc. XVI a XVIII), o período secular (séc. XVIII e XIX) e o período científico (séc. XIX em diante). Cada um desses períodos é marcado pelas instituições que organizavam o Estado do Brasil, desde a colônia ultramarina absolutista, parte de um reino confessional, até a secularização, no final da época colonial e durante o Império, e, por fim, a República.

O latim sempre esteve presente em todos os momentos e períodos institucionais da história do pensamento linguístico no Brasil, configurando-se na base do que entendemos por uma Linguística Latina, em perspectiva interdisciplinar com a Historiografia da Linguística. Dessa forma, o latim estava presente nas instituições do período missionário, secular e científico, com “morfótipos textuais” (SWGERS, 2013; 2019) relativos à especificidade de cada época.

No período missionário, em que predominaram as instituições absolutistas e confessionais, como as ordens religiosas, na formação da intelectualidade da América portuguesa, ainda colônia de Portugal, houve ensino de gramática latina vinculado à disciplina de teologia. A principal obra humanística utilizada nesta tradição, e morfótipo textual desse período da história do pensamento linguístico no Brasil, quanto à Linguística Latina, é a *De Institutione Grammatica Libri Tres* de Pe. Manuel Álvares, SJ (1526–1582), texto de 1572 recomendado pela *Ratio atque Institutio Studiorum* jesuítica, de 1599.

Com a secularização, a partir do século XVIII, o pensamento linguístico no Brasil alinhou-se com as inovações iluministas, sobretudo com correntes de pensamento francesas, e o pensamento de Du Marsais (1676–1756), por exemplo, influenciou nos gramáticos racionalistas, que viam na gramática uma disciplina auxiliar à filosofia. No século XIX, com a revolução científica posterior, à época do método histórico-comparativo, temos a gramática de Madvig, de 1872, traduzida por Epifânio Dias que circulou no Brasil, tendo sido uma obra que antecedeu a gramática de Ernesto Faria. A gramática latina de Madvig teria introdu-

zido o método histórico-comparativo na tradição da descrição da língua latina no contexto acadêmico no Brasil, tendo sido sucedida pela obra de Faria, décadas depois.

3. Saussure, e o período científico: problematização sobre o pensamento linguístico

O período científico, em que se situa o pensamento linguístico de Faria, é aquele em que a “retórica” (BATISTA, 2019) da cientificidade surgiu no desenvolvimento do pensamento linguístico ocidental, datando de meados do século XIX na Europa, e tendo tido reverberações no Brasil a partir do final do século XIX. Segundo essa retórica, o período científico, quanto ao pensamento linguístico, é aquele que surge a partir das obras de Franz Bopp (1791–1867), considerado um “ponto de ancoragem” (SWIGGERS, 2013) e ruptura com o pensamento linguístico anterior, assim, é o momento em que surgem as “ciências da linguagem”. O modelo teórico então em vigência era o método histórico-comparativo, considerado como uma virada epistemológica para uma visão científica sobre as línguas.

Segundo Auroux (1992), uma problemática que surge na história das ideias linguísticas é que a cientificidade é como um mito moderno, que cria uma dialética entre científico e não científico na história das ideias, logo não houve uma total ruptura, como foi propagada pelos cientistas da linguagem modernos. Assim na gramática de Faria, por exemplo, ainda há a descrição do latim conforme a tradição gramatical anterior, sem mudanças profundas, ainda que adote a terminologia estruturalista. Vejamos o excerto de Auroux sobre o “mito da cientificidade”:

Entre os mitos expandidos pela historiografia das ciências da linguagem tal como ela foi estabelecida no século XIX, na época em que reinava a hegemonia do comparativismo, um dos mais prejudiciais para a compreensão do papel exato desempenhado por essas disciplinas no desenvolvimento cultural da humanidade é incontestavelmente o da ‘cientificidade’. (AUROUX, 1992, p. 7)

O mito da cientificidade organiza-se a partir de uma retórica (Cf. BATISTA, 2019) em que o pensamento linguístico só se desenvolveu cientificamente a partir das obras vinculadas ao método histórico-comparativo, no século XIX. Essa retórica é adotada, por exemplo, por Saussure, no *Cours*, que distingue a história da linguística por três etapas: a gramática, a filologia e a gramática comparada, tendo sido a última o

desenvolvimento científico dos estudos linguísticos, em sua percepção do desenvolvimento do pensamento linguístico (Cf. SAUSSURE, 2006 [1916]). A percepção de Saussure está vinculada ao “clima intelectual” (Cf. KOERNER, 1996) de Faria.

A argumentação de Saussure, sobre a história da linguística, inicia-se por generalizar o conceito de gramática, comparando-a à lógica clássica:

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto. Começou-se por fazer o que se chamava de ‘Gramática’. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7)

A argumentação de Saussure não especifica o que entende o linguista por gramática, antes generaliza o conceito, atribuindo aos gregos e franceses o estudo que se aproximava da lógica. Provavelmente, Saussure estava referindo-se ao modelo de gramática racionalista, iniciado nos séculos XVII e XVIII, no contexto francês, com grande vínculo com a filosofia racionalista, de base lógica, que dava continuidade à especulação filosófica pelas obras de Aristóteles. Sua retórica de descontinuidade e ruptura teria servido para promover o modelo teórico de Franz Bopp, da gramática comparada, do século XIX, ainda vigente em seu clima intelectual, que rompeu com o paradigma da gramática racionalista.

Para Saussure, uma segunda fase da Linguística, após a gramática clássica, teria se iniciado com a Filologia moderna, ainda no século XVI-II, com a obra de Wolf como “ponto de ancoragem” (SWIGGERS, 2013):

A seguir apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola ‘filológica’, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições etc.; em toda a parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Linguística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados linguísticos; mas nesse domínio a crítica filológica é

falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7-8)

Essa fase da Linguística, para Saussure, era pautada pela disciplina de Crítica Textual europeia, como modelo teórico e método de análise, com Friedrich August Wolf (1759–1824) como principal mentor. Decifrar inscrições em línguas arcaicas era um dos fatos linguísticos mais prestigiados pelos filólogos europeus, como a língua dos antigos egípcios, línguas da mesopotâmia e mesmo da Índia. Todavia, a escrita tinha uma primazia sobre a fala, nesse modelo teórico, conforme Saussure anotou. O linguista genebrino descreve sua interpretação da Antiguidade grega e latina: os gramáticos dessas culturas se voltavam à língua escrita em detrimento da língua falada. Há, então, um quadro analítico em que dois conceitos de língua se opõem, a escrita e a falada. Os filólogos, ao se apoiarem no texto, estariam vinculados ao conceito de língua escrita.

Note-se que Saussure restringe a história da linguística às suas influências intelectuais e ao desenvolvimento do pensamento linguístico europeu, em uma visão etnocêntrica, que não considera o desenvolvimento do pensamento linguístico em outros contextos. Na sua perspectiva, o desenvolvimento do pensamento linguístico europeu é equivalente ao conceito de pensamento linguístico ocidental, o que caracteriza também sua perspectiva de cientificidade. Sua descrição historiográfica buscava promover sua própria formação teórica, e serve-nos para compreender como o clima intelectual da época influenciou em seu pensamento linguístico, que teve reverberações globais, como no Brasil. O mito da cientificidade era a retórica que caracterizava as instituições desse período histórico, e a argumentação de Saussure se alinhava a essa perspectiva. Para Saussure, o filólogo inglês William Jones (1746–1794) teria sido o precursor da linguística moderna, desenvolvida por Bopp:

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da ‘Gramática comparada’. Em 1816, numa obra intitulada *Sistema da Conjugação do Sânscrito*, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones (1746–1794); algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1861 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância dessa verdade. Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma

língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 8)

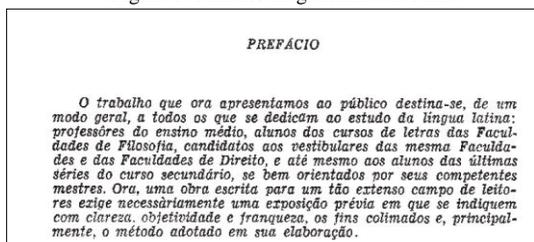
A gramática de Faria situa-se no desenvolvimento do período científico dos estudos linguísticos, tendo na Filologia Clássica o seu apoio e no método histórico-comparativo a sua “abrangência referencial” (Cf. SWIGGERS, 2013). Faria adaptou essas inovações para o ensino de latim nas universidades brasileiras. A essa perspectiva se acresceria o estruturalismo, na descrição da língua latina por três sistemas de estruturas: a fonética, a morfologia e a sintaxe latinas, em duas perspectivas: a histórica (diacrônica) e a descritiva (sincrônica).

4. O prefácio da gramática de Faria: uma análise historiográfica

Uma das inovações na gramática de Faria (1958), para a descrição da língua latina, é a fonética, sobretudo a fonética histórica, o que é traço distintivo do pensamento linguístico no período científico, que marca o século XX no Brasil. As gramáticas e métodos escolares de língua latina, até então, não descreviam os fatos linguísticos a partir da fonética histórica. Como ponto de ancoragem, Faria (1958) cita a gramática alemã de Madvig, de 1872, na tradução de Epifânio Dias.

No prefácio da gramática, Faria (1958, p. 3) contextualiza os “usuários” (Cf. SWIGGERS, 2013) de sua obra: professores do ensino médio, alunos dos cursos de letras das Faculdades de Filosofia, candidatos aos vestibulares de letras e direito, e alunos das últimas séries do curso secundário. À época do Faria, o latim era uma disciplina contextualizada no cenário da Reforma Campos, sendo uma disciplina ensinada nos níveis secundário e superior. A obra teria sido preparada para o ensino nas universidades, diferenciando-se do material da educação básica:

Figura 1: Prefácio da gramática de Faria.



Fonte: Gramática de Ernesto Faria (1958, p. 3).

A corrente de pensamento a que a gramática de Faria se vincula, o método histórico-comparativo, é explicitada no prefácio da gramática. Faria opõe sua gramática àquelas que apresentam apenas “o critério puramente normativo” (FARIA, 1958, p. 3), isto é, as gramáticas que apenas possuíam a descrição das regularidades e exceções da língua, com as tabelas nominais e verbais, sem o aporte de uma teoria linguística. O “método histórico” era bem prestigiado na tradição acadêmica de sua época, tanto no cenário nacional quanto no cenário internacional.

Figura 2: Prefácio da gramática de Faria, segundo excerto.

A primeira finalidade visada foi oferecer ao leitor de língua portuguesa uma explanação tão completa quanto possível dos fatos da língua latina, não só segundo o critério puramente normativo, mas também, na medida do possível, procurando atender, com rigor científico, às exigências do método histórico. Grande dificuldade, senão a maior, foi o limite imposto pelas próprias proporções do volume, que não deveria ultrapassar a média de umas quinhentas páginas de texto, com o que nos vimos constrangidos a eliminar do presente trabalho toda uma parte, constituída pelas noções de estilística, e bem assim uma introdução ao estudo da métrica latina. Deixaremos para mais tarde a sua publicação que, sendo em volumes distintos, poderá ganhar um pouco em amplitude, permitindo assim melhor desenvolvimento da matéria. Aliás, tanto um assunto como o outro constituem disciplinas verdadeiramente autónomas e independentes do domínio gramatical, de sorte que não incluí-los aqui não chega a constituir falha grave para a qual não podemos contar com a benévola benignidade do leitor.

Fonte: Gramática de Ernesto Faria (1958, p. 3).

A principal influência de Faria, que o antecedeu na adaptação da descrição da língua latina pelo método histórico-comparativo, foi a gramática de Madvig, de 1872, traduzida por Epifânio Dias. Seu objetivo, com a nova gramática, era o de atualizar conhecimentos linguísticos relativos à língua latina, com o novo desenvolvimento linguístico que se iniciava, atualizando a descrição de Madvig. Como “ponto de ancoragem” (Cf. SWIGGERS, 2013), para as inovações trazidas por Faria, temos o Congresso de 1938 de Instrução Pública, ocorrido em Genebra, que levou a Europa a adotar a pronúncia reconstituída em seus centros de ensino.

Figura 3: Prefácio da gramática de Faria, terceiro excerto.

Julgamos sinceramente que com a elaboração desta obra viemos trazer nossa contribuição para o progresso dos estudos latinos em nosso país, preenchendo uma lacuna de há muito existente em nossa bibliografia especial da matéria. Feita exceção à Gramática Latina de Madvig, traduzida primorosamente da terceira edição alemã por Epifânio Dias, não há em português uma gramática realmente superior da língua latina. Mas, datando de 1872 a publicação portuguesa da obra de Madvig, não só se tornou raríssima e de difícil aquisição, como também, pelo lapso de tempo decorrido, em muitos pontos se acha hoje ultrapassada.

Fonte: Gramática de Ernesto Faria (1958, p. 3).

5. Conclusão

A gramática de Faria insere-se no “circuito de textos” (SWIGGERS, 2013) que integra a Linguística Latina. Sua gramática refletiu um período importante em que o latim ainda era ensinado na educação básica e também disciplina presente no ensino superior. Sua proposta descritiva, pautada pelo método histórico-comparativo, busca compreender a língua latina no processo histórico, como uma língua que passou por diversas fases e estágios. É um manual ainda válido na descrição dessa perspectiva teórica.

Como inovação, Faria apresentou a descrição fonética da língua, introduziu os termos da morfossintaxe, como morfemas, por exemplo, e fez uma descrição da sintaxe oracional pelos pressupostos do estruturalismo. A obra possui inegável valor historiográfico, por registrar como a corrente de pensamento do estruturalismo europeu, sobretudo de nítida influência francesa, foi prestigiada no período científico para o ensino de latim no Brasil.

Faria, como autor do período científico, cita suas fontes bibliográficas, conforme o padrão de sua época. Autores como Meillet, Lindsay, Stolz, entre outros, compõem seu repertório linguístico. Pode-se notar que o pensamento linguístico do linguista e filólogo apresenta a recepção crítica de diversos autores de sua abrangência referencial, além das fontes dos autores clássicos latinos.

A obra de Faria é um ponto de partida para se reconsiderar a Linguística Latina no cenário atual, em que se faz necessário ampliar o debate sobre a adoção das teorias linguísticas modernas na descrição e no ensino da língua latina. Esperamos com este estudo trazer à luz novas reflexões no âmbito da HL, para encetar um debate historiográfico, necessário à renovação das tradições dos Estudos Clássicos no Brasil, quem tem na obra de Faria uma de suas últimas inovações, no século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: ____ *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 19-44
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas-SP: Unicamp. 1992.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: ____ *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 81-114

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

_____. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 197-217, 2019a.

_____; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v.57, p. 9-35, 2019b.

_____; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, ano 25, n. 75, v. 2, p. 1564-72, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2019c.

_____. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019d.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n. 1, p. 01-15, 2020a.

_____. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

_____; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, n. 76, v. 2, p.750-9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020e.

_____. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, n. 20, p. 37-44, 2020f.

_____. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em 14 fe. 2022.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-5, p. 39-59, 2013.

_____. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80